

RESENHA

WENGROW, D. *The Origins of Monsters: Image and Cognition in the First Age of Mechanical Reproduction*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2014.

Camila Aline Zanon¹

O mais recente livro de David Wengrow teve como origem sua participação na série de conferências promovida pelo Institute for the Study of the Ancient World, da New York University, intitulada The Rostovtzeff Lectures a partir do historiador russo. Rostovtzeff, em sua obra *Iranians and Greeks in South Russia* (Oxford, UK: Clarendon Press, 1922), apontou para uma possível associação entre a expansão da urbanização e o aumento do número de imagens de criaturas fantásticas, mais precisamente aquelas que são uma composição de diferentes animais ou de animais com seres humanos, os chamados “híbridos” ou “seres compósitos”. O livro de Wengrow explora a associação feita por Rostovtzeff, ampliando os argumentos com base em dados arqueológicos recentes e utilizando-se de artifícios teórico-metodológicos fornecidos pela teoria cognitivista, pela epidemiologia da cultura e por meio de uma apropriação surpreendente do conceito de era da reprodutibilidade técnica da arte de Walter Benjamin.

O livro é organizado em seis capítulos precedidos de uma breve introdução, na qual o autor delinea o escopo da obra, e seguidos de uma conclusão. O primeiro parágrafo da introdução inicia-se com a afirmação categórica de que “a primeira era da reprodutibilidade técnica pertence à Mesopotâmia [...]” (p. 1, minha tradução), uma declaração que se encontra já no subtítulo do livro, o que pode deixar leitores de Walter Benjamin atônitos em razão de tal expansão dos recortes cronológico e social propostos, em relação aos do ensaio de 1936, “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”.

No capítulo 1, “Image and Economy in the Ancient World: The Bronze Age of Mikhail Rostovtzeff”, Wengrow estabelece as bases rostovtzeffianas de seu livro: na Idade do Bronze, o comércio de mercadorias raras e preciosas interconectou, por meio de caravanas, terras distantes entre si, como as cidades-estado da Suméria ao Egito, à Ásia Menor e à Índia. Por tais caravanas viajavam não apenas as mercadorias, mas as imagens contidas nos selos oficiais que as acompanhavam, assim relacionando diretamente a distribuição de imagens às redes comerciais. Entretanto, Wengrow está interessado em um tipo específico de imagem, que o autor

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Universidade de São Paulo; membro do LEIR-MA-USP.

especifica como “seres compósitos” em detrimento de “monstros”, como aparece no título. Retomando a observação de Rostovtzeff de que a partir do terceiro milênio a.C. há uma inovação na cultura visual da antiga Suméria, ou seja, a introdução na arte decorativa de criaturas fantásticas formadas pela combinação de animais entre si ou com seres humanos, Wengrow amplia a busca pela origem dessas imagens (e não representações, como o autor aponta na p. 24, já que representações podem pressupor um referencial na realidade) para o quarto ou quinto milênio a.C.

Estabelecida sua rota rostovtzeffiana, o autor segue para o capítulo 2, “Materials for an Epidemiology of Culture”, no qual afirma as bases teórico-metodológicas para seu estudo. Em relação à transmissão cultural, Wengrow utiliza-se da escola de psicologia da evolução denominada “epidemiologia da cultura”, uma abordagem neodarwiniana para a transmissão cultural, sob a qual fatos culturais devem ser estudados no nível de “populações” e não dentro de limites artificiais como os de uma “nação” ou aqueles definidos por especificidades geográficas, uma vez que limites como esses são pré-definidos e podem prejudicar a observação de um fato cultural na totalidade de sua distribuição. Outro princípio dessa abordagem epidemiológica é que a distribuição no nível macro deve ser considerada em relação a processos no nível micro de interação social, no qual capacidades e limitações cognitivas têm papel importante. É aí que entra a “cognição” presente no subtítulo. Utilizando-se da teoria cognitivista de que nossa percepção é moldada por um padrão de cognição modular, no qual módulos mentais são mecanismos de aprendizagem neurológica ligados à aquisição e ao processamento do conhecimento de acordo com determinados domínios da experiência, Wengrow está interessado na categorização intuitiva de tipos não humanos de seres vivos, ou *folk biology* (“biologia popular”), uma categorização baseada na capacidade de organizar o conhecimento do mundo natural. Essencial para sua tese é que seres compósitos são contraintuitivos e é isso o que contribui para a memorização e transmissão da imagem desses seres porque sua aparência intrigante se contrapõe ao habitual.

Ainda no capítulo 2, Wengrow justifica sua escolha pela denominação “seres compósitos” em detrimento de “monstros” por este ser mais abrangente, incorporando seres como fantasmas, demônios etc, que não fazem parte do escopo de seu livro, e faz uma breve explanação acerca da escolha de materiais de caráter efêmero como suporte para a representação de seres compósitos, principalmente na arte indígena da costa noroeste dos Estados Unidos, dos povos da Amazônia e da Austrália, da África subsaariana e do Círculo Polar, muito em função da “ontologia”

desses povos, na qual a “fluidez e a flexibilidade são tudo e podem atrair o perigo ao deixar em aberto um indício permanente de uma relação humana com o ‘outro’, que deveria permanecer circunscrita aos ritos de passagem e de encerramento” (p. 32, minha tradução).

O capítulo 3, “The Hidden Shaman: Fictive Anatomy in Paleolithic and Neolithic Art”, argumenta de modo bastante convincente contra a supervalorização do *corpus* de imagens de seres compósitos dos períodos Paleolítico e Neolítico, geralmente apresentada de modo equivocado. Wengrow explora a bibliografia sobre o assunto e demonstra a quase inexistência de imagens desse tipo para tais períodos, seguindo a afirmação de Leroi-Gouhron (*O gesto e a palavra*, 1964), de que os monstros da arte paleolítica podem ser contados nos dedos de uma mão.

No capítulo 4, “Urban Creations: The Cultural Ecology of Composite Animals”, o autor explora o surgimento das imagens de seres compósitos no Egito a partir de cerca de 3300 a.C. e caracteriza brevemente a Idade do Bronze no Oriente Próximo e suas particularidades em relação ao período anterior, principalmente em relação à urbanização, para a qual ele retoma Rostovtzeff. É nesse capítulo que a relação entre urbanização e a ampliação da transmissão de imagens de seres compósitos é mais bem explorada. Ademais, o autor sugere que um dos fatores para o surgimento de figuras compósitas é a necessidade de ampliação da variedade de símbolos necessários para marcar mercadorias estocadas e comercializadas. O uso, no sistema de representação gráfica suméria, de imagens de partes do corpo humano ou de animais e a grande variedade de mercadorias que demandava um novo repertório de representações teriam sido um dos impulsionadores das figuras compósitas. Presentes nos selos que essas mercadorias carregavam, essas imagens percorriam os mesmos trajetos dos objetos que assinalavam.

No capítulo 5, “Counterintuitive Images and the Mechanical Arts”, Wengrow aponta para o caráter compósito também da manufatura de objetos de cerâmica, metal, faiança, dentre outros. A técnica de manufatura de partes que depois são montadas para compor um objeto é outra razão para a criação de figuras compósitas. Aqui, ele explora um exemplo de Tirinto, onde havia um ateliê especializado na produção de objetos de faiança e folhas de metal, para a manufatura dos quais as técnicas de montagem teriam sido importadas do Oriente junto com seus artesãos. Essas técnicas permitiam maior possibilidade de replicação dos objetos confeccionados, dentre eles, máscaras grotescas como as de Humbaba na Mesopotâmia e as da Górgona na Grécia. Assim, não somente a técnica, mas o tipo

particular de imagem que uma máscara grotesca apresenta também teria se tornado “estável dentro de um grupo e recorrente dentre diferentes grupos” (p. 80, minha tradução), uma citação que o autor faz de Pascal Boyer, estudioso dos aspectos cognitivos da religião.

No capítulo 6, “Modes of Image Transfer: Transformative, Integrative, Protective”, o autor embrenha pelos modos de transmissão dessas imagens e suas razões para que tenham se tornado estáveis dentro de uma comunidade. O modo “transformativo” é exemplificado pela Grécia do período Orientalizante, no qual há adoção de compósitos que se originam fora dos limites de um meio cultural, associados com a cultura material das elites que estão em processo de formação; por meio desses compósitos, as elites conseguem estabelecer relações com um mundo exterior e distinguir-se do resto da comunidade local. O modo “integrativo” está relacionado com a diplomacia e suas alianças e transgressões; são compósitos que misturam estilos de diferentes origens culturais e geralmente encontram-se incorporados em paisagens não fantásticas, cuja função talvez fosse criar uma linguagem intercultural comum e manter um decoro na troca entre elites. O modo “protetor” é apotropaico, uma resposta simbólica a ameaças externas contra a sociedade e contra a propriedade nessa sociedade, também articulada a partir do Estado.

No capítulo que conclui o livro, “Conclusion – Persistent, But Not Primordial: Emergent Properties of Cognition”, Wengrow retoma a crítica de Lehroi-Gouhran acerca dos “monstros” do Paleolítico e se volta contra um dos artigos mais conhecidos e citados por aqueles que têm o monstro ou o monstruoso como objeto de estudo: o artigo de Rudolph Wittkower (“Marvels of the East: A Study in the History of Monsters”, 1942), no qual ele afirma que seres compósitos “têm um papel no pensamento e no imaginário de todos os povos de todos os tempos” (p. 109, minha tradução). Contra essa noção universalizante e psicologizante, Wengrow conclui com a noção de que figuras compósitas resultam de “conjunturas complexas de processos sociais, tecnológicos e morais” (p. 112, minha tradução), que só o surgimento das cidades pode acarretar e que a chave para entender essa mudança cognitiva está na própria historicidade da cognição humana.